



O HOM RIDÍCI

SUMARIO

11	ANTINOMIA DO CASAMENTO	
	15	EM TRÂNSITO
	21	TRAIÇÃO
43	O HOMEM IDEAL	
	47	POTINHOS DA TURQUIA
	53	A GAROTA DE PRETO
59	E DAÍ QUE ACABA	
	63	TIPOS QUE NÃO INVEJAMOS
67	QUANDO ENTRA O TERAPEUTA	
	73	QUEM AMA RECLAMA

89 DIVÓRCIO

BOM 

99 TIPOS QUE INVEJAMOS

A NOIVA ■

107 AÍ É *TOO MUCH* ■

ACAO [REDACTED]

117 JOELHOS

123 O COMEÇO DO FIM

127 SUSAN

PARA UM CASAMENTO DURADOURO

135 0 EIXO

ANTINOMIA DO CASAMENTO

“Estamos numa baita crise. Discutimos muito”, desabafou com o melhor amigo, aquele ainda casado com a namorada da faculdade, pai de dois moleques, dono de um *golden* que “retrieve” até pensamento e de uma rotina aparentemente invejável.

Amigo que, como sua mulher, não aparentava a idade que tinha. Casal esportista, queimado pelo sol, causava admiração. Os dois sempre bem-humorados. Nunca expunham desavenças, se existiam.

Se um casamento pode dar certo, ali estava o exemplo a ser seguido. Qual o segredo?

“O que começa uma discussão?”, o amigo perguntou, como um sábio socrático.

“Decisões. Em viagens, por exemplo. Brigamos em todas as viagens que fizemos. Só quando namorávamos, uma vez deu certo.”

E se lembrou da viagem teste para Bariloche, de classe executiva, com direito a uma tarde em Buenos Aires para compras.

Estavam se conhecendo. Viagem teste: se conseguissem o consenso em toda a programação turística, se conseguissem esquiar, passear, comprar e ainda transar como dois adolescentes, a relação ultrapassaria o cabo das

tormentas a caminho de um mundo novo, paradisíaco, cheio de especiarias e ritos exóticos.

Rolou. Foram morar juntos um mês depois de voltarem da Argentina.

Mas, na primeira semana “casados”, o alarme apitou. A primeira discussão pública.

Tinha levado a mulher para jantar num japonês escondido que só ele conhecia, daqueles que gritam “irasshaimase” assim que os clientes entram. Ele era chamado pelo nome pelos garçons. Sabia de cor o cardápio e o time para qual cada funcionário torcia.

Ela deixou que ele escolhesse o combinado; afinal, ele era um “local”. Enquanto o garçom íntimo anotava o pedido, ela lia o cardápio e questionava se o custo de um outro combinado, que tinha mais peças e era pouca coisa mais caro, não valia o benefício.

“Você me diz para escolher o prato, mas acabou de interferir na decisão”, comentou irônico.

“Só estou tentando ajudar” foi a desculpa que passou a ser o mantra a atormentar a vida do casal.

Nas viagens seguintes, já na ida ao aeroporto começavam os conflitos. Ele preferia fazer hora num *duty free* a mofar ansioso num congestionamento. Planejava sair com cinco horas de antecedência. Ela o chamava de estressado e tentava acalmá-lo com um desesperador “vai dar tempo”.

No *check-in*, mais conflitos, já que chegavam em cima da hora: lugar no avião e o que levar como bagagem de mão.

Assim que decolavam, ele se dopava. Preferia apagar por todo o voo. Ela queria papear, ver todos os filmes, ler.

No exterior, ele preferia andar de metrô e gastar mais tempo em museus a solas de sapatos. Ela preferia andar a pé.

Ele preferia café da manhã no quarto. Ela, na rua. Ele detestava igrejas e museus de arte contemporânea. Ela era fascinada por todos os templos, sem distinção de estilo e religião, e seguia as dicas de viagem de uma revista feminina de moda.

Ele queria conhecer a cidade num ônibus de dois andares, que parasse em todos os pontos turísticos e resumisse numa tarde o que deve ser visto e fotografado. Ela preferia jogar com o acaso e sair sem plano traçado.

Ele queria conhecer a gastronomia local. Quanto mais esquisita, mais interessava. Ela temia por novidades da flora e da fauna locais e sempre sugeria restaurantes básicos, mediterrâneos. Seu maior pavor era uma intoxicação alimentar paga em moeda estrangeira.

Por fim, o amigo deu o conselho que serviria para a vida toda, e mudaria para sempre a relação daquele casal:

“Deixa ela decidir tudo. Faça como eu. Enquanto ela discute no *check-in* do aeroporto, fique lá na calçada fumando.”

“Mas eu não fumo.”

“Comece.”

E assim foi.

Planejou outra viagem para colocar em prática o novo comportamento.

A ida para Orlando foi um sucesso. Ele não palpitou. Nem questionou quando ela pediu na Disney que ele ficasse ao lado do Pateta, para uma foto que postou no Instagram.

E começou a fumar. Em toda e qualquer indecisão turística, ele dizia: “Decide você, que vou lá fora fumar um cigarrinho”.

Não discutiu com ela quando na volta deu excesso de bagagem. E passou o voo acordado vendo as fotos que ela tirou com o Pato Donald, o Mickey, a Margarida, o Tio Patinhas e todo o *casting* imbecil da família Disney.

Voltaram e concluíram que nasceram um para o outro.